

DALAI LAMA

CAMINHOS DA FÉ

Como as religiões do mundo
podem conviver em paz

Tradução de José Vieira de Lima

Prefácio

Há cinco décadas, quando eu era ainda um jovem de vinte e quatro anos, abandonei o Palácio Norbu Lingka, em Lassa, capital do Tibete, com uma espingarda ao ombro. Ia disfarçado de guarda, sem óculos e com uma *chuba*, o traje tradicional tibetano. Com um pequeno grupo de homens, fugi da cidade e comecei a minha viagem rumo à liberdade e ao exílio na Índia. As circunstâncias políticas que me levaram ao exílio continuam a imperar, o que explica o facto de eu não ter podido regressar ao Tibete.

Desde aquela noite de 17 de março de 1959, o nosso mundo mudou tanto que quase se tornou irreconhecível – e é evidente que a transformação entretanto ocorrida vai muito para além da capacidade de imaginação de um monge tibetano que nunca saíra da Ásia. Naqueles tempos, nem sequer sonhávamos que viessem a existir algumas palavras que, hoje, são de uso comum – *Internet, e-mail, câmara digital, genoma, SIDA, globalização*. Atualmente, o mundo em que vivemos é verdadeiramente global. Nenhum país pode permanecer à margem da inovação tecnológica, da degradação ambiental, dos sistemas económicos e financeiros globais, das comunicações instantâneas e da Internet. Além disso, o ritmo de intercâmbio de ideias e pessoas – tanto turistas como refugiados – permitiu um

contacto e uma proximidade sem precedentes entre as muitas culturas do mundo. Os efeitos daquilo que acontece numa determinada parte do mundo são rapidamente sentidos em todo o planeta. Nenhuma região do mundo permanece imune. Nesta era de armas nucleares, terrorismo internacional, incerteza financeira e crise ecológica, o desafio que temos diante de nós – muito mais premente do que no passado – é, muito simplesmente, o da coexistência pacífica.

Considero que este desafio da coexistência pacífica definirá a grande missão da humanidade no século XXI. Já em 1930, um dos maiores visionários modernos da Índia viu claramente estes problemas. Nas Conferências Hibbert, em Oxford, Rabindranath Tagore escreveu:

As diversas raças que constituem a humanidade nunca mais serão capazes de regressar às suas cidadelas protegidas e exclusivas. Hoje em dia, encontram-se expostas umas às outras, tanto física como intelectualmente. As carapaças que, durante tanto tempo, lhes proporcionaram uma segurança total no interior dos seus territórios individuais, acabaram por se quebrar e nenhum processo artificial poderá reconstruí-las. Somos pois forçados a aceitar este facto, ainda que não tenhamos sido capazes de adaptar as nossas mentes a este novo panorama da interação pública, ainda que, devido a ele, tenhamos muito provavelmente de correr todos os riscos que decorrem de uma mais ampla expansão da liberdade vital.

(The Religion of Man, pp. 141-142)

Estes sentimentos tocam no ponto exato. Porém, as pressões que sofremos agora são muito maiores do que quando Tagore partilhou os seus pensamentos.

Perante as tensões causadas pelo confronto com outras culturas e ideias, e dada a rapidez com que os efeitos dessas tensões se estendem num mundo de eventos globais, como a insegurança económica,

não é surpreendente que se tenha falado de «choque de civilizações». Pessoalmente, considero que uma tal abordagem é perturbante e pouco ou nada útil, pois apenas serve para fomentar a discórdia. Há uma outra possibilidade. A panela de pressão da globalização pode conduzir a humanidade numa outra direção, rumo a um plano mais profundo em que pessoas, culturas e indivíduos possam interagir com a natureza humana fundamental que todos partilham. Nesse lugar, será possível aos seres humanos reconhecerem tanto a natureza global dos problemas com que se deparam como a responsabilidade comum de os enfrentarem juntos e de afirmarem a unidade da família humana. Se não o fizerem, estará em perigo a própria sobrevivência da nossa espécie.

Ao longo da história da humanidade, uma área em que a coexistência pacífica tem sido extremamente problemática é a das relações entre as diversas religiões do mundo. No passado, os conflitos decorrentes das diferenças religiosas podem ter sido significativos e lamentáveis, mas não ameaçaram o futuro do planeta nem a sobrevivência da humanidade. No mundo globalizado de hoje, em que os extremistas têm acesso a vastos recursos tecnológicos e podem aproveitar-se do imenso poder emocional da religião, uma simples chispa poderá fazer explodir um barril de pólvora de proporções verdadeiramente aterradoras. O desafio que todo e qualquer crente tem de enfrentar é o de aceitar genuinamente o valor das tradições religiosas que não as suas. Por outras palavras, aceitar o espírito de pluralismo religioso.

A fronteira entre o exclusivismo – o facto de pensarmos que a nossa religião é a única legítima – e o fundamentalismo é perigosamente ténue; a fronteira entre fundamentalismo e extremismo é ainda mais ténue. Para todo e qualquer seguidor das principais religiões, chegou o momento de se perguntar: «No mais íntimo de mim, qual é a minha atitude relativamente aos seguidores de outros credos?» Nós, os crentes, já não podemos permitir-nos o luxo de manter uma atitude que, ainda que tolerante, não afirme um respeito absoluto pelas outras religiões. Depois do 11 de setembro, a defesa de um fanatismo religioso exclusivista já não é um assunto

privado de perspectiva individual, visto que tem o potencial de afetar as vidas de todos.

A lição que retiro é a de que a compreensão e a harmonia entre as religiões do mundo são condições prévias essenciais para uma genuína paz mundial.

Com o passar dos anos, acabei por me dar conta de que, na minha vida, existem três compromissos principais – poderemos mesmo chamar-lhes missões. Em primeiro lugar, como ser humano, estou comprometido com a promoção daquilo a que chamo valores humanos básicos, expressão que, para mim, engloba essencialmente a compaixão, que eu vejo como a base da felicidade humana. Alimentar a semente da compaixão que temos dentro de nós e agir de acordo com esta capacidade inata são as chaves para satisfazer a nossa aspiração básica à felicidade. Existe uma conexão íntima entre amor e compaixão, por um lado, e a felicidade genuína, por outro. O carácter indispensável da compaixão toca-nos a todos, quer sejamos ricos ou pobres, instruídos ou analfabetos, religiosos ou não religiosos, ou qualquer que seja a nossa nação. É algo de inato em nós, um direito inalienável de todo o ser humano. Desde o instante em que chegamos a esta vida, dependemos totalmente do amor da nossa mãe ou de qualquer outra pessoa que cuide de nós. Se nós, como espécie, pretendemos realmente criar um mundo mais feliz e mais compassivo, então é esta qualidade preciosa que precisamos de fomentar e praticar.

O meu segundo compromisso é, como pessoa religiosa, promover a compreensão e a harmonia entre as religiões. Este é o principal objetivo deste livro, cuja escrita foi para mim uma fonte de grande felicidade. Por fim, o meu terceiro compromisso, como tibetano e como Dalai Lama, é encontrar uma solução feliz e satisfatória para a triste crise do Tibete e do seu povo. Enquanto este terceiro compromisso é um dever herdado, algo que me é exigido na minha qualidade de Dalai Lama, os dois primeiros são voluntários – aceitei-os por vontade própria e com agrado, e lutarei por eles até ao fim dos meus dias.

Não obstante o enorme progresso material que se estende por todo o mundo, o certo é que o sofrimento continua presente. Males como a cobiça, a ira, o ódio e a inveja, que foram a base de muito do nosso sofrimento há milhares de anos, continuam a atormentar-nos ainda hoje. A menos que ocorra uma mudança radical na natureza humana num curto período de tempo, estes males perseguir-nos-ão ainda durante muitos séculos. Os ensinamentos das grandes religiões do mundo, cada uma à sua maneira, foram e continuarão a ser um recurso espiritual capaz de contrariar os efeitos desses males. Portanto, a religião não perdeu nenhuma da sua importância e continuará a desempenhar um papel decisivo na sociedade humana num futuro imediato. As religiões inspiraram de uma forma suprema o fluxo da compaixão e grandes atos de altruísmo, cujos efeitos se fizeram sentir nas vidas de milhões de pessoas. Assim sendo, tanto do ponto de vista da paz mundial como da perspectiva de promoção do potencial benéfico das religiões, as diversas tradições de fé têm de encontrar um tipo de relacionamento em que prevaleçam a aceitação mútua e o respeito genuíno.

Este livro pretende fazer um esboço do círculo dentro do qual se torne possível criar o diálogo suscetível de conduzir a uma verdadeira compreensão inter-religiosa. Quando observo o mundo atual, vejo perigosas forças de polarização. Em cada religião há tendências preocupantes que pretendem denegrir as outras fés; há também uma polarização crescente entre os crentes e aqueles que não têm nenhuma religião. Tais atitudes servirão apenas para fomentar a suspeita e a desconfiança mútuas. No entanto, creio que aqueles que defendem o exclusivismo partem de fundamentos profundamente errados quanto aos alicerces essenciais em que assenta a espiritualidade religiosa. É um dever de todos os seres humanos que aspirem à perfeição espiritual – não apenas dos líderes das religiões do mundo, mas também de cada indivíduo crente – afirmar o valor fundamental da compaixão que existe tanto no coração da natureza humana como no cerne dos ensinamentos éticos de todas as principais religiões do mundo. Só desta forma poderemos desenvolver

verdadeiramente o reconhecimento do valor das outras fés, e, a partir desta base, cultivar um respeito genuíno.

Quando cheguei à Índia como refugiado, em 1959, sabia muito pouco sobre qualquer outra religião que não a minha. Nos últimos cinquenta anos, dediquei uma parte substancial do meu tempo e da minha atenção a estudar e a refletir sobre as outras grandes religiões do mundo. Este trabalho foi extremamente enriquecedor, dado que me permitiu reconhecer a extraordinária riqueza do espírito humano quando se trata de definir o ideal de perfeição e de examinar as questões fundamentais da existência. A um nível metafísico, todas as principais religiões se confrontam com as mesmas perguntas eternas: Quem sou? De onde venho? Para onde irei depois da morte? Quando se trata de viver uma vida plena, todas as tradições religiosas confiam na compaixão como um princípio orientador. Usam palavras diferentes, invocam imagens diferentes, assentam em conceitos diferentes. Porém, o que têm em comum é muito mais do que aquilo que as divide, e as suas diferenças podem ser o ponto de partida para um diálogo extremamente enriquecedor, enraizado numa maravilhosa diversidade de experiências e perspectivas.

Este livro procura explorar essas convergências e, ao mesmo tempo, definir um modelo em que as diferenças entre as religiões possam ser verdadeiramente apreciadas, sem se converterem em fonte de conflito. A criação de uma genuína harmonia inter-religiosa, baseada na compreensão, *não* depende da aceitação de que todas as religiões são similares nem de que conduzem ao mesmo ponto. Não obstante, defendo a ideia de que são precisamente os seus diferentes ensinamentos metafísicos que proporcionam, em cada caso, a verdadeira base para um admirável sistema ético enraizado na compaixão. Não tenho a menor dúvida de que um crente sincero pode, com integridade, ser um pluralista em relação às demais religiões, sem negar por isso o seu compromisso com a doutrina da sua própria fé.

O meu envolvimento com as religiões do mundo convenceu-me de que, independentemente das diferenças a nível de doutrina,

quando se trata de levar uma vida religiosa ou de alcançar uma aspiração espiritual, existe um grau extraordinário de compreensão partilhada. Em particular, todas as grandes religiões acentuam a compaixão como um valor espiritual fundamental. Seja nas indicações dos textos sagrados para se levar uma vida boa, no ideal de vida que é admirado e fomentado, ou nas vidas exemplares de muitos indivíduos notáveis de diferentes fés, tanto no passado como no presente (alguns dos quais tive o privilégio de conhecer), não me resta nenhuma dúvida de que a compaixão constitui a pedra angular de todas as religiões. Se isto é de facto verdade, há um potencial tremendo para que as religiões do mundo se unam para defender o bem da humanidade. No entanto, esta tarefa é extremamente difícil. A história da religião está carregada de discórdias, suspeitas mútuas e conflitos ideológicos decorrentes do fanatismo e do exclusivismo ou da visão de que a fé de cada um é a única verdadeira e legítima. Creio que as causas subjacentes a esta história de divisão religiosa não têm nenhuma base defensável. O desafio que temos diante de nós – e que considero extremamente urgente – consiste em superar esta história e alcançar um entendimento harmonioso enraizado na compaixão.

Embora este livro trate das grandes religiões mundiais, a história que ele conta é a da experiência de um homem e do seu envolvimento pessoal. Não tenho ilusões de que aquilo que é oferecido nestas páginas faça justiça à totalidade de qualquer religião, nem sequer que consiga captar os seus ensinamentos básicos tal como são compreendidos no seio de cada tradição religiosa. No entanto, espero sinceramente que a história aqui contada – a de um monge budista na sua viagem de conhecimento das religiões do mundo – sirva para encorajar, ou mesmo para inspirar os outros, no sentido do aprofundamento das tradições religiosas diferentes das suas.

Gostaria de agradecer a um grande número de pessoas de todos os credos que me concederam o seu tempo e me ajudaram a chegar a uma compreensão mais profunda dos grandes ensinamentos do

mundo. Desde as conversas pessoais que mantive com mestres religiosos da Índia, como o mestre jainista Acharya Tulsi, até à profunda troca de ideias com sacerdotes do credo cristão, como o monge trapista Thomas Merton, foi-me concedido o enorme privilégio e a rara oportunidade de penetrar no mundo maravilhoso das outras tradições religiosas. Para não sobrecarregar o leitor com demasiados nomes, não irei aqui incluir a lista completa de líderes religiosos que tive a honra de conhecer ao longo de todos estes anos. Não obstante, tenho para com eles uma profunda dívida de gratidão pelo tempo, sabedoria e compaixão que me dispensaram.

Sinto um respeito ilimitado pela minha própria fé budista, mas poder vê-la no contexto das suas religiões irmãs permitiu-me contemplar a grandeza e extensão daquelas que considero verdadeiramente as mais nobres aspirações do espírito humano. Quero também expressar a minha gratidão aos meus dois editores – o Dr. Thupten Jinpa, meu principal tradutor há um quarto de século, e o seu colega, o Dr. Jaś Elsner – por me terem ajudado a exprimir em inglês os meus pensamentos da maneira mais coerente possível. Gostaria de lhes agradecer em particular a sua ajuda na seleção e revisão de citações dos textos sagrados das diversas religiões do mundo. Durante todo o processo de escrita, os meus dois editores, bem como os meus assistentes pessoais, ajudaram-me a compreender as implicações e as consequências de alguns dos aspetos mais controversos das minhas ideias. Gostaria igualmente de agradecer a todos aqueles que leram e comentaram o meu manuscrito.

Nutro a esperança de que este meu esforço sirva para que cheguemos a uma genuína compreensão entre as diferentes religiões do mundo e para que promova uma atitude de profunda reverência mútua.